



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

JACQUELINE SILVA MONTEIRO

MARIANA

2025

JACQUELINE SILVA MONTEIRO

**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Pedagogia da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Amaral
Ribeiro.

MARIANA

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M775e Monteiro, Jacqueline Silva.

Estratégias pedagógicas para a inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação. [manuscrito] / Jacqueline Silva Monteiro. - 2025.

33 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Ribeiro.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Educação inclusiva. 2. Superdotados. 3. Prática pedagógica. I. Ribeiro, Marcos Vinícius. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 376

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Jacqueline Silva Monteiro

Estratégias Pedagógicas para a Inclusão de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 26 de março de 2025.

Membros da banca

Prof. Dr. Marcos Vinícius Amaral Ribeiro - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Marcos Vinícius Amaral Ribeiro, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/03/2025



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria da Exaltacao Coutrim, COORDENADOR(A) DO CURSO DE PEDAGOGIA**, em 18/08/2025, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0961509** e o código CRC **4B5B572D**.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as práticas pedagógicas aplicáveis ao atendimento de estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD), e foi conduzida por meio de um levantamento bibliográfico em repositórios acadêmicos e científicos, com foco nas abordagens contemporâneas sobre o tema. Além disso, foi realizada uma análise dos artigos selecionados, visando refletir sobre as contribuições dos autores no referencial teórico, a fim de compreender as práticas pedagógicas que favorecem a inclusão e o desenvolvimento desses alunos em contextos educacionais diversos. O entendimento sobre os alunos com superdotação destaca-se pela compreensão de suas necessidades específicas, cujas quais vão além do desenvolvimento intelectual, abrangendo aspectos emocionais, sociais e motivacionais. O estudo evidenciou a importância da formação contínua dos professores, uma vez que o sucesso da inclusão depende diretamente da capacitação docente para reconhecer as características desses alunos e adotar práticas pedagógicas adequadas. Ademais, também reforçou a relevância do trabalho colaborativo entre escola e família, com a construção de uma rede de apoio que envolva todos os agentes educacionais e familiares, a fim de garantir um ambiente favorável ao pleno desenvolvimento desses estudantes. A pesquisa, portanto, não se propôs a construir um conjunto de orientações pedagógicas, mas a oferecer reflexões que contribuam para a compreensão das estratégias necessárias para uma educação mais inclusiva e sensível às necessidades de todos os estudantes.

Palavras-chave: Educação inclusiva, Inclusão educacional, altas habilidades, superdotação, Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the pedagogical practices applicable to the support of students with giftedness and talent (AH/SD). The research was conducted through a bibliographic survey in academic and scientific repositories, focusing on contemporary approaches to the topic. Additionally, an analysis of the selected articles was performed to reflect on the contributions of the authors in the theoretical framework, in order to understand the pedagogical practices that favor the inclusion and development of these students in various educational contexts. The understanding of gifted students stands out in terms of recognizing their specific needs, which go beyond intellectual development, encompassing emotional, social, and motivational aspects. The research highlighted the importance of continuous teacher training, as the success of inclusion is directly related to the teacher's ability to recognize the characteristics of these students and adopt appropriate pedagogical practices. Furthermore, the study reinforced the relevance of collaborative work between school and family, building a support network that involves all educational and family agents to ensure a favorable environment for the full development of these students. Therefore, the study did not aim to construct a set of pedagogical guidelines but rather to offer reflections that contribute to the understanding of strategies necessary for a more inclusive education that is responsive to the needs of all students.

Keywords: Inclusive education, Educational inclusion, giftedness, talent, Pedagogical practices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2 CARACTERÍSTICA DOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO.....	9
3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: CONCEITOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	13
4 DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA IDENTIFICAÇÃO E ATENDIMENTO EDUCACIONAL DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	16
5 ENSINO COMUM E ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....	19
6 A FORMAÇÃO DOCENTE E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO	21
7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
8 ANÁLISE E DISCUSSÃO	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do curso de Pedagogia, o estudo da evolução do processo de ensino proporciona uma base teórica e prática para a formação de futuros pedagogos, permitindo sua atuação em diversas áreas, tais como docência, gestão educacional, orientação pedagógica e desenvolvimento de projetos sociais. Os principais conhecimentos e habilidades adquiridos englobam as Teorias da Aprendizagem, a compreensão do desenvolvimento humano e das fases de aprendizagem, a evolução do sistema educacional no Brasil e no mundo, além das normativas e diretrizes educacionais. Ademais, a gestão escolar, as práticas pedagógicas, a diversidade no ambiente educacional e a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas diferenças, são aspectos abordados ao longo da formação.

Historicamente, a escola delimitou seu ensino a um grupo específico de estudantes, ignorando a diversidade presente no contexto educacional. No entanto, a Constituição Federal estabelece a educação como um direito fundamental de todos, garantindo em seu inciso I a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como princípio norteador do ensino e assegurando, como dever do Estado, a oferta de atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208).

Nesse contexto, a inclusão torna-se um elemento essencial nas escolas, exigindo a superação de barreiras que dificultam sua efetiva implementação. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) foi formulada com o objetivo de promover uma educação abrangente, atendendo não apenas pessoas com deficiência, mas também aquelas com transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (AH/SD).

No que se refere às práticas pedagógicas voltadas para alunos com altas habilidades/superdotação, observa-se um descompasso entre as habilidades desses estudantes e o ritmo de ensino tradicionalmente oferecido nas escolas. Esse desalinhamento pode resultar em desinteresse pelo aprendizado e consequente desregulação emocional. A Lei 9.394/96 (LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em seu artigo 59, determina que estudantes com altas habilidades e superdotação devem receber currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e uma organização específica para atender suas necessidades.

Dessa forma, a análise das práticas pedagógicas voltadas para a inclusão implica reconhecer as características, necessidades e potencialidades de cada aluno. Esse processo exige a adaptação de conteúdos, metodologias e avaliações para atender demandas específicas. Além disso, torna-se fundamental a criação de um ambiente físico e emocional

que favoreça a inclusão, garantindo respeito e valorização a todos os estudantes. Investir na formação continuada dos professores e realizar uma análise crítica das práticas pedagógicas são medidas essenciais para aprimorar o ensino.

Apesar dos avanços legislativos, como a Lei nº 13.146, sancionada em 6 de julho de 2015, que assegura o direito à educação inclusiva, observa-se que a efetivação dessas diretrizes ainda enfrenta desafios. Melo e Euzébio (2016) apontam que a ausência de conhecimento sobre a patologia pode resultar em práticas baseadas na intuição e na repetição de modelos padronizados de ensino, ignorando a diversidade dos alunos e a necessidade de adotar abordagens pedagógicas diferenciadas.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca identificar práticas pedagógicas significativas para aprimorar a inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação, promovendo um ambiente educacional que favoreça seu pleno desenvolvimento.

A inclusão no ambiente escolar tem sido um dos grandes desafios da educação contemporânea. No entanto, ainda há obstáculos na implementação de estratégias que atendam às necessidades específicas dos alunos, resultando, muitas vezes, em abandono e isolamento escolar. A exploração e o aprimoramento de práticas pedagógicas adaptadas às diferenças individuais são imprescindíveis para garantir um ensino equitativo e eficaz. Cortella (2009, p. 23) ressalta que "a educação precisa ser um espaço onde todas as diferenças sejam respeitadas e valorizadas, permitindo que cada aluno, com suas singularidades, construa sua aprendizagem de maneira plena e inclusiva".

Ao abordar a inclusão de estudantes com altas habilidades/superdotação, destaca-se a necessidade de uma abordagem pedagógica diferenciada, que considere suas habilidades excepcionais. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo investigar estratégias pedagógicas que possam ser implementadas para assegurar que o ensino comum ofereça uma educação de qualidade e diferenciada para esses alunos. A não consideração do aprimoramento dessas práticas pode perpetuar um ensino igualitário, negligenciando a diversidade no desenvolvimento dos estudantes.

Diante do exposto, esta pesquisa realizou um levantamento bibliográfico em repositórios acadêmicos e científicos sobre práticas pedagógicas direcionadas a alunos com altas habilidades/superdotação, analisando suas necessidades educacionais e investigando estratégias eficazes de ensino.

A pesquisa inicia-se com a Introdução, na qual são apresentados o tema, a problemática e os objetivos do estudo. Em seguida, na Fundamentação Teórica, são explorados conceitos essenciais, começando pela Caracterização dos Alunos com Altas Habilidades/Superdotação, que descreve suas principais características cognitivas, emocionais e sociais. A seção Educação Inclusiva e Altas Habilidades/Superdotação:

Conceitos e Práticas Pedagógicas discute as abordagens teóricas sobre a inclusão desses estudantes e as estratégias pedagógicas empregadas no ambiente escolar. Posteriormente, em Desafios e Perspectivas na Identificação e Atendimento Educacional de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação, são analisadas as dificuldades enfrentadas no reconhecimento e suporte a esses alunos no contexto educacional.

A seção Ensino Comum e Atendimento Educacional Especializado para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação examina a relação entre a educação regular e as práticas especializadas voltadas para esse público. Em A Formação Docente e os Desafios da Inclusão Escolar no Atendimento Educacional Especializado, é discutida a importância da capacitação dos professores para garantir uma inclusão efetiva. A pesquisa segue com a descrição dos Procedimentos Metodológicos, detalhando os métodos adotados para a realização do estudo. Na seção Análise e Discussão, os resultados obtidos são examinados à luz do referencial teórico, possibilitando reflexões críticas sobre as práticas de inclusão. Por fim, as Considerações Finais sintetizam os principais achados da pesquisa e suas implicações para a educação inclusiva, seguidas pelas Referências Bibliográficas, que fundamentam o estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2 CARACTERÍSTICA DOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO

A definição de alunos com altas habilidades ou superdotação, conforme a legislação brasileira, abrange aqueles que demonstram um potencial elevado em diversas áreas, como intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Além disso, tais indivíduos apresentam criatividade elevada, um forte engajamento na aprendizagem e dedicação às atividades relacionadas a seus interesses (Brasil, 2008).

Essa conceituação encontra respaldo na Teoria dos Três Anéis, elaborada por Joseph Renzulli e Sally Reis, que propõe a superdotação como resultado da interseção de três fatores: habilidades acima da média, compromisso com a tarefa e criatividade (Renzulli; Reis, 2014). O primeiro fator refere-se às habilidades que se sobressaem em comparação aos pares, ainda que não necessariamente em um nível excepcional. O segundo diz respeito à motivação intrínseca, à perseverança e à dedicação em áreas específicas de interesse. Já o terceiro abrange o pensamento original, a independência intelectual, a imaginação e traços de personalidade não conformistas.

No contexto teórico, a superdotação e o talento são compreendidos como fenômenos influenciados por componentes genéticos e ambientais. Renzulli (1988) utiliza a expressão "*gifted and talented*" para evidenciar essa dualidade. De maneira semelhante, Virgolin (2021) adota os termos "altas habilidades" e "superdotação" como representações de um mesmo fenômeno, diferenciando-os apenas pelo enfoque. Enquanto "superdotação" remete às características inatas da inteligência e personalidade, "altas habilidades" enfatiza os fatores moldados pelo ambiente, incluindo influências da família, da escola e da cultura.

A abordagem das altas habilidades e superdotação requer um olhar abrangente, dado o caráter heterogêneo desse grupo. Estudos indicam que a superdotação se manifesta em diferentes contextos sociais e étnicos, podendo emergir em qualquer fase do desenvolvimento. Além disso, pode coexistir com deficiências sensoriais, físicas, intelectuais, transtornos de aprendizagem e outras condições do neurodesenvolvimento (Lovecky, 1993; Strip; Hirsch, 2000; Virgolin; Pereira, 2020).

Essa diversidade também se reflete nas particularidades individuais, como interesses, estilos de aprendizagem, níveis de motivação, autoconceito, personalidade, ritmo de aprendizagem e necessidades educacionais específicas. Para compreender a superdotação, faz-se necessário considerar não apenas o contexto sociocultural em que a criança está inserida, mas também suas interações familiares e sua individualidade, incluindo aspectos emocionais e afetivos. Nesse sentido, a educação de indivíduos com altas

habilidades devem ser pautada na flexibilidade, visto que estratégias eficazes para um aluno podem não ser adequadas para outro (Cross, 2005; Robinson, 2002; Virgolim, 2007).

Os indivíduos com altas habilidades e superdotação demonstram um desempenho superior em pelo menos uma área do conhecimento, seja no campo verbal, lógico-matemático, artístico, psicomotor ou de liderança. De acordo com pesquisas, esses alunos podem apresentar características como aprendizado rápido e eficiente, alto nível de energia e curiosidade, pensamento complexo e original para a idade, forte motivação para explorar temas de interesse, vocabulário avançado, boa memória, raciocínio abstrato, criatividade, preferência pelo trabalho individual e interação com pessoas mais velhas, além de elevada sensibilidade e senso de justiça. Ademais, podem demonstrar traços como perfeccionismo e autocrítica (Sabatella, 2013; Virgolim, 2007; Virgolim; Pereira, 2020). Esses fatores evidenciam a necessidade de práticas educacionais diferenciadas, que respeitem as especificidades desses alunos e proporcionem um ambiente propício ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

Um aluno com AH/SD tem seu diagnóstico elaborado através de uma equipe composta por psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e neuropsicólogos e todo esse processo se dá através de testes, análise de desempenho e histórico familiar. Um dos testes principais é o QI (Quociente de inteligência) que identifica o nível de inteligência de um sujeito em relação ao padrão comum que varia entre 90 e 110. Um discente é considerado com AH/SD quando seu quociente for superior a 130, mas deve-se ser uma avaliação criteriosa e que leve também em consideração outros fatores como emocionais, sociais e culturais. “[...] os tradicionais testes de inteligência poderão ser bons preditores do êxito acadêmico, mas terão pouco impacto na predição do sucesso na vida prática e no ambiente de trabalho (Virgolim, 2007, p.31-32).

Os alunos com laudos em AH/SD são peculiares e únicos, pois apresentam uma inteligência notável, são exigentes, questionadores, curiosos e observadores. Além disso, demonstram grande capacidade de desenvolver interesses ou habilidades para determinadas áreas, ao mesmo tempo em que carregam uma bagagem de intensidade emocional que pode levá-los ao descontrole, especialmente ao tentarem se encaixar em padrões estabelecidos ou quando enfrentam situações que não correspondem às suas expectativas. Diante disso, embasar um diagnóstico apenas em um teste de inteligência significa desconsiderar habilidades e características essenciais para o desenvolvimento integral do indivíduo.

De acordo com Renzulli (2014), a superdotação não deve ser avaliada apenas com base em habilidades intelectuais elevadas, mas sim pela interseção entre habilidades acima da média, criatividade e comprometimento com a tarefa, elementos que contribuem para um desempenho diferenciado e que precisam ser reconhecidos no contexto educacional. Assim,

alunos com características de AH/SD apresentam uma inteligência que pode transcender as áreas tradicionalmente mensuradas por testes, sendo fundamental compreender aspectos cognitivos, motivação, comportamento e criatividade, que são frequentemente manifestados por esses indivíduos.

Ademais, sujeitos com AH/SD experimentam altos e baixos que evidenciam a necessidade do desenvolvimento do autocontrole para viverem de forma harmoniosa no meio social. Como mencionado anteriormente, ao buscarem aceitação em determinados contextos, essa oscilação emocional pode surgir como resultado dos desafios de lidar com suas próprias habilidades. Muitas vezes, esses alunos se veem obrigados a realizar atividades que não correspondem ao seu nível de conhecimento ou a revisar conteúdos que já foram plenamente assimilados. Dessa forma, fica evidente a discrepância entre suas capacidades cognitivas e as práticas pedagógicas convencionais, as quais, em grande parte, não são adaptadas para atender às suas necessidades específicas.

Conforme disposto na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), os estudantes com altas habilidades/superdotação estão contempladas no arcabouço legal vigente, assegurando-lhes o direito à educação inclusiva. Entretanto, a realidade educacional desses alunos ainda permanece marcada pela invisibilidade. Embora a política educacional reconheça como público-alvo da educação especial os estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista (TEA) e altas habilidades/superdotação, a implementação efetiva desse direito enfrenta desafios significativos no ambiente escolar.

A educação voltada ao Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) ainda carece de estratégias pedagógicas que atendam às especificidades desses estudantes. A ausência de práticas adequadas pode comprometer o desenvolvimento integral desses indivíduos, uma vez que negligenciar suas necessidades educacionais implica limitações em seu potencial acadêmico, social e emocional. Dessa forma, torna-se imprescindível a adoção de políticas e metodologias que promovam a inclusão efetiva e o atendimento adequado às particularidades dos alunos com altas habilidades/superdotação

No contexto educacional, o modelo proposto por Renzulli (2014) enfatiza três componentes essenciais para o desenvolvimento eficaz dos alunos com altas habilidades/superdotação: habilidades acima da média, criatividade e comprometimento com tarefas. Segundo o autor, a superdotação não se restringe a um elevado coeficiente intelectual, mas envolve também a capacidade de aplicar essas habilidades de maneira criativa e engajada. O modelo sugere que a educação deve priorizar a identificação e o aprimoramento dessas características em todos os estudantes, independentemente de suas particularidades culturais ou desafios individuais.

Para além, Renzulli destaca a importância de ambientes de aprendizagem que

favoreçam a autonomia, a exploração e o envolvimento ativo dos alunos. Dessa forma, a adoção de práticas pedagógicas inclusivas fundamentadas nesse modelo possibilita que os educadores maximizem o potencial dos estudantes, promovendo um ambiente educacional que valorize suas habilidades singulares e estimule seu desenvolvimento integral. A implementação de estratégias pedagógicas alinhadas às diretrizes da Política Nacional de Educação Especial e ao modelo de Renzulli é, portanto, fundamental para assegurar uma educação verdadeiramente inclusiva.

Nesse sentido, refletir sobre as práticas pedagógicas voltadas a esses alunos implica considerar a possibilidade de enriquecimento tanto curricular quanto extracurricular (Pérez, 2012). Para esses autores, o enriquecimento curricular envolve a diversificação dos conteúdos, a introdução de projetos interdisciplinares e a criação de atividades que fomentem a criatividade e a investigação. Já o enriquecimento extracurricular pode incluir clubes, oficinas e competições que favoreçam a exploração de interesses específicos e a interação com pares que compartilhem os mesmos talentos e motivações.

Ao considerar as contribuições de Pérez, bem como as perspectivas de Renzulli, evidencia-se que as práticas pedagógicas são fundamentais para potencializar o desempenho de estudantes com altas habilidades/superdotação. A aplicação dessas estratégias não apenas assegura que esses alunos se sintam desafiados e valorizados, mas também lhes proporciona as ferramentas necessárias para desenvolver suas capacidades de forma significativa e impactante.

Nesse contexto, Rech, Negrini e Santos (2023, p. 127) argumentam que a rigidez curricular representa um entrave à personalização do ensino, limitando a adaptação das metodologias e dos conteúdos às necessidades e interesses individuais dos alunos. Quando o currículo é estruturado de maneira inflexível, as oportunidades de aprofundamento em determinadas temáticas e de desenvolvimento de projetos que reflitam as paixões e talentos dos estudantes são substancialmente reduzidas.

Diante disso, o enriquecimento curricular configura-se como uma estratégia pedagógica fundamental para oferecer aos alunos com altas habilidades/superdotação oportunidades de aprimoramento de suas competências. Essa abordagem justifica-se pelo fato de que muitas salas de aula ainda seguem um modelo curricular engessado, que não favorece o estímulo às múltiplas inteligências (Rech; Negrini; Santos, 2023, P. 127).

A relevância da investigação sobre práticas pedagógicas voltadas ao ensino de alunos com altas habilidades/superdotação reside na necessidade de identificar estratégias que promovam um ensino adequado, evitando atividades excessivamente simplificadas que possam levar ao desinteresse e à desregulação emocional desses estudantes. A análise dessas práticas permite explorar diversas abordagens, como o ensino baseado em projetos,

metodologias ativas e o uso de tecnologia, as quais demonstram elevado potencial para o engajamento desses alunos. Ademais, tais estratégias contribuem para aprimorar a dinâmica da sala de aula, incentivando a colaboração e a troca de ideias entre todos os estudantes, o que fortalece um ambiente educacional mais inclusivo e estimulante.

3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: CONCEITOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, implementada em 2008, representa um avanço significativo ao superar a fragmentação do ensino para estudantes da educação especial. Essa política estabelece essa modalidade educacional como transversal a todos os níveis, etapas e demais modalidades de ensino, promovendo a inclusão como princípio fundamental. Dessa forma, reafirma-se o direito de todos os alunos à escolarização e questiona-se a adoção de práticas pedagógicas homogêneas, ao incentivar abordagens que reconheçam e valorizem as diferenças individuais.

Essa diretriz educacional define como público-alvo da educação especial os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Para esses indivíduos, devem ser assegurados recursos e serviços especializados que favoreçam sua participação e aprendizagem no contexto escolar, bem como a oferta do atendimento educacional especializado (AEE), de maneira complementar ou suplementar ao ensino regular.

A inclusão de estudantes com altas habilidades/superdotação no ensino regular exige um aprofundamento das discussões sobre as práticas pedagógicas tanto na sala de aula comum quanto no âmbito do atendimento educacional especializado. A intersecção entre a educação comum e a educação especial é essencial para garantir que esses alunos possam aprender, desenvolver-se e potencializar suas habilidades, possibilitando-lhes a continuidade dos estudos em áreas que despertem seu interesse.

O Ministério da Educação (MEC, 2008) define estudantes com altas habilidades/superdotação como aqueles que apresentam elevado potencial em uma ou mais das seguintes áreas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Além disso, tais indivíduos demonstram criatividade acentuada, grande engajamento na aprendizagem e elevado desempenho em atividades relacionadas aos seus interesses específicos.

Ainda que o acesso desses estudantes à escola regular não fosse um obstáculo, muitos permaneceram invisibilizados no ambiente escolar. Parte desse fenômeno está relacionada à utilização de testes padronizados para aferição do quociente intelectual, os

quais foram baseados em uma concepção restrita de inteligência e altas habilidades/superdotação. Tais instrumentos não contemplavam a diversidade de aptidões e as múltiplas formas de expressão da criatividade, visto que sua elaboração esteve centrada no desempenho acadêmico, linguístico e lógico-matemático. Dessa forma, outras habilidades, como a resolução de problemas do cotidiano, foram desconsideradas nos processos avaliativos.

A interpretação dos resultados desses testes frequentemente classificava os indivíduos em termos de capacidade cognitiva superior ou inferior, determinando, assim, o tipo de intervenção a ser realizada. Em muitos casos, essas intervenções ocorriam fora do ambiente escolar regular e dissociadas do projeto pedagógico. Consequentemente, perpetuou-se o mito de que indivíduos com altas habilidades/superdotação possuíam valores "superiores" e conhecimentos inquestionáveis.

No contexto educacional, essa concepção equivocada reforçou a ideia de que tais habilidades poderiam se manifestar independentemente da oferta de oportunidades escolares adequadas. Esse entendimento, sustentado por uma visão biologicista do desenvolvimento humano, resultou na negligência de recursos e serviços específicos para esses estudantes.

A abordagem contemporânea sobre a identificação de indivíduos com altas habilidades/superdotação rompe com essa visão tradicionalista ao ampliar a compreensão sobre o desenvolvimento dessas habilidades. Em vez de considerar exclusivamente a hereditariedade da inteligência, essa nova perspectiva adota estratégias de reconhecimento baseadas na observação do contexto e das experiências dos alunos tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

Na perspectiva multidimensional, as discussões acerca da inteligência e das altas habilidades/superdotação passaram a incorporar pesquisas que enfatizam a aprendizagem como um processo contextualizado, dependente de estímulos e oportunidades. A manifestação de habilidades acima da média ocorre em diferentes áreas do conhecimento, e sua identificação deve ser pautada na noção de rendimento e excelência como processos dinâmicos. Assim, um ambiente enriquecedor e estimulante torna-se essencial para a identificação dessas habilidades e para a formulação de ações pedagógicas adequadas às necessidades desses estudantes.

O processo de identificação envolve um conjunto de instrumentos pedagógicos que possibilitam o reconhecimento das potencialidades dos alunos em diversas áreas do conhecimento, respeitando suas especificidades. Nesse sentido, o ambiente escolar é considerado o foco principal dessa análise, e a observação do professor desempenha papel fundamental ao permitir o mapeamento de estratégias utilizadas pelos alunos na resolução

de problemas, a identificação de interesses e motivações e a avaliação de estilos de aprendizagem. Essas informações subsidiam a elaboração de intervenções educacionais mais eficazes.

Dessa forma, a identificação de estudantes com altas habilidades/superdotação não deve ser conduzida com o objetivo de rotular os alunos, mas sim de reconhecer elementos individuais de aprendizagem para a formulação de estratégias pedagógicas personalizadas. O propósito não é impor um padrão de rendimento ou produção homogênea, mas, ao contrário, considerar as especificidades de cada aluno, respeitando suas habilidades, interesses e níveis de engajamento nas tarefas escolares. Essas habilidades podem se manifestar em determinadas áreas do conhecimento e em momentos distintos, reforçando a necessidade de uma abordagem flexível e adaptável.

No cenário educacional atual, as reflexões sobre altas habilidades/superdotação incorporam abordagens que enfatizam a importância da aprendizagem contextualizada, atrelada a oportunidades e atividades estimulantes. Alencar e Fleith (2001) destacam que as altas habilidades/superdotação não devem ser compreendidas apenas como um atributo intrínseco do indivíduo, mas como um fenômeno resultante da interação entre o sujeito e o meio em que está inserido.

Considerando que as habilidades geram necessidades específicas que emergem em contextos favoráveis de estímulo e aprendizado, a intervenção pedagógica destinada aos estudantes com altas habilidades/superdotação devem favorecer a expressão da criatividade e da originalidade, além de fomentar o desenvolvimento de projetos em áreas de interesse. Além disso, é imprescindível que o ambiente educacional seja estruturado de maneira a facilitar a aprendizagem, tornando-se mais adequado para esse público.

Essas ações são fundamentais para a promoção de uma educação de qualidade para todos os alunos. A valorização das oportunidades escolares e das múltiplas formas de pensamento deve ser um princípio central da prática pedagógica, assegurando que os estudantes com altas habilidades/superdotação possam desenvolver plenamente seu potencial. Para isso, torna-se essencial a oferta de recursos compatíveis com suas necessidades educacionais, favorecendo o aprimoramento das estruturas cognitivas e a ampliação das possibilidades de aprendizagem.

Os pressupostos teóricos de Piaget (1956) contribuem para essa compreensão ao definir o conhecimento como resultado da interação do indivíduo com o meio e a inteligência como uma resposta adaptativa aos desafios ambientais. A partir dessa perspectiva, estratégias pedagógicas que provocam desequilíbrios cognitivos e desafios significativos favorecem a construção ativa do conhecimento pelos alunos.

Com base nesses fundamentos, uma proposta educacional que contemple esses aspectos favorece o desenvolvimento dos estudantes com altas habilidades/superdotação, permitindo-lhes superar possíveis dificuldades na construção do conhecimento, tanto individualmente quanto coletivamente. Essa abordagem reconhece a importância da interação e da participação em ambientes inclusivos de aprendizagem, nos quais a colaboração é incentivada.

A aprendizagem colaborativa é um fator determinante para a autonomia cognitiva desses estudantes, desafiando-os a compartilhar conhecimentos e a se beneficiar das trocas intelectuais no ambiente escolar. Portanto, ao fomentar o debate sobre as concepções de altas habilidades/superdotação entre professores e a comunidade escolar, torna-se necessário alinhar essas reflexões às práticas educacionais inclusivas, garantindo que os ambientes de aprendizagem sejam integrados e que os estudantes possam expressar seus conhecimentos em diferentes áreas de interesse.

4 DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA IDENTIFICAÇÃO E ATENDIMENTO EDUCACIONAL DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

As Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) configuram-se como um dos principais instrumentos das Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica, sendo espaços destinados ao suporte de alunos do Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) matriculados em escolas públicas de ensino regular. O AEE é caracterizado por um conjunto de atividades, recursos pedagógicos e de acessibilidade organizados institucionalmente para apoiar o processo educacional de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, sempre em articulação com o ensino comum.

O principal objetivo das SRM é proporcionar um ambiente inclusivo nas escolas, favorecendo a convivência entre alunos com e sem deficiência e oferecendo recursos pedagógicos e de acessibilidade para atender às especificidades educacionais de cada estudante. Esses espaços devem ser equipados com tecnologias assistivas, materiais didáticos especializados e contar com profissionais capacitados para atuar com essa diversidade de alunos. No caso dos estudantes com altas habilidades e superdotação, é fundamental que as SRM ofereçam oportunidades de enriquecimento curricular, desafios intelectuais e estímulos compatíveis com suas capacidades, permitindo o desenvolvimento pleno de seu potencial e evitando situações de desmotivação ou desinteresse.

Contudo, a implementação das SRM por si só não assegura a inclusão educacional dos alunos do PAEE. Para que essa inclusão seja efetiva, é necessária uma atuação conjunta

entre escola, família e comunidade, promovendo a aceitação, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade. A colaboração entre professores da educação regular e da educação especial torna-se um fator determinante para a construção de estratégias pedagógicas eficazes, que atendam de maneira adequada às necessidades desses alunos. O ensino colaborativo surge, nesse contexto, como uma ferramenta fundamental para garantir que todos os estudantes, independentemente de suas características, tenham acesso a um ensino de qualidade.

Nos últimos anos, a Educação Inclusiva no Brasil passou por transformações expressivas, resultando em mudanças nos âmbitos político, cultural, social e pedagógico. A legislação vigente, incluindo a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, assegura o direito de todos os alunos ao aprendizado conjunto, sem discriminação. Além disso, a Declaração de Salamanca, promulgada pela UNESCO, influenciou diretamente as políticas educacionais brasileiras voltadas para a inclusão. Essas normativas estabelecem diretrizes para o atendimento especializado, visando eliminar barreiras ao aprendizado e proporcionar uma formação integral. O Decreto nº 7.611/2011, por exemplo, permite a dupla matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais, o que reforça a importância da parceria entre professores especializados e os da sala regular.

A semelhança entre os sistemas de ensino regular e especializado, conforme preconizado pela legislação, demonstra-se eficaz na estruturação de um espaço de atuação compartilhada entre docentes da classe comum e docentes especializados. Essa interação possibilita a construção de estratégias de intervenção pedagógica efetivas, beneficiando diretamente os alunos. Conforme apontam Gomes e Souza (2012), para que a inclusão educacional ocorra de forma plena, é necessário revisar as práticas pedagógicas desenvolvidas, repensando a organização estrutural e pessoal dos agentes envolvidos. Isso requer um esforço conjunto na constituição de uma equipe de trabalho colaborativa, que compartilhe responsabilidades e busque soluções coletivas para os desafios enfrentados.

Entre os principais desafios da inclusão educacional, destaca-se o isolamento profissional dos docentes e a falta de compreensão das políticas inclusivas, resultando em abordagens segregadoras da educação. Essa realidade pode ser observada em programas educacionais que não estão alinhados à perspectiva inclusiva, acarretando impactos negativos para os estudantes. Para superar essas dificuldades, torna-se essencial que os professores especializados atuem de forma colaborativa, estabelecendo um ambiente escolar que valorize a diversidade e promova a participação ativa de todos os alunos. A formação continuada dos docentes e a valorização da profissão são estratégias fundamentais para minimizar as barreiras à aprendizagem e garantir um ensino mais inclusivo.

A efetividade do ensino colaborativo depende da criação de espaços para o diálogo e a reflexão conjunta sobre as práticas pedagógicas. Além disso, os professores precisam receber capacitação contínua sobre educação inclusiva, aprimorando suas competências e habilidades para atender às demandas específicas dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Mendes (2010) destaca que uma estrutura organizacional bem definida, que possibilite a parceria entre os profissionais e a oferta de recursos adequados, é essencial para o sucesso da inclusão. A diversidade estudantil deve ser vista como uma oportunidade de enriquecimento para toda a comunidade escolar, e o ensino colaborativo pode contribuir significativamente para a construção de um ambiente educacional mais equitativo e acessível.

A prática profissional docente envolve desafios que exigem tomada de decisões em contextos complexos, incertos e frequentemente permeados por conflitos de valores. Os professores enfrentam situações singulares, que demandam respostas igualmente únicas e reflexivas. Conforme aponta Nóvoa (1992), a formação docente deve se basear na experimentação, inovação e reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, articulando-se diretamente com os processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, os professores não apenas se tornam agentes de sua própria formação, mas também atuam ativamente na transformação das instituições em que trabalham. A mudança educacional não pode ser concebida como um evento isolado, mas sim como um processo contínuo, no qual a formação docente deve ocorrer simultaneamente às transformações institucionais.

A atuação pedagógica nas SRM deve seguir uma abordagem colaborativa, envolvendo professores de educação especial, professores do ensino regular e outros especialistas, como fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, conforme as necessidades dos alunos. O objetivo é criar um ambiente de aprendizagem que promova o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes, incentivando sua independência e autoestima. Essa atuação deve ser flexível e individualizada, considerando as potencialidades de cada aluno e proporcionando um atendimento educacional especializado que complemente e enriqueça o currículo regular.

Para que esse modelo de ensino seja efetivo, os profissionais das SRM precisam ter acesso a recursos e ferramentas pedagógicas adequadas, incluindo estratégias de ensino especializadas, tecnologias assistivas e materiais que favoreçam o aprendizado. O atendimento educacional especializado deve atuar como um suporte essencial, eliminando barreiras à participação plena dos alunos na escola e na sociedade. Esse atendimento pode ocorrer nas próprias SRM ou em outros centros especializados, sempre com o objetivo de garantir que todos os estudantes, independentemente de suas características, tenham acesso a uma educação de qualidade e equitativa. Dessa forma, a inclusão escolar se consolida

como um princípio fundamental da educação contemporânea, reafirmando o compromisso com a diversidade e a valorização das potencialidades de cada indivíduo.

5 ENSINO COMUM E ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

A articulação entre o ensino comum e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos com altas habilidades/superdotação é essencial para a construção de um sistema educacional verdadeiramente inclusivo. De acordo com Renzulli (2021), a identificação desses estudantes deve ocorrer em sala de aula comum, com suporte especializado, para possibilitar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Essa identificação fundamenta-se na observação das manifestações de talento e criatividade dos estudantes em diferentes contextos de aprendizagem (Freeman, 2000). O enriquecimento curricular se apresenta como um dos principais instrumentos para atender às necessidades educacionais desses alunos tanto no ensino regular quanto no AEE, garantindo-lhes oportunidades de desenvolvimento intelectual, social e emocional (Rech e Negrini, 2023).

No âmbito da educação inclusiva, a compreensão das altas habilidades/superdotação deve ser pautada em concepções que favoreçam a integração entre educação comum e especial. Assim, é fundamental que professores e comunidade escolar compartilhem uma visão ampla do conceito de superdotação, considerando aspectos multidimensionais, como o modelo dos Três Anéis de Renzulli (2021), que enfatiza a interseção entre capacidade acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. Essa abordagem permite que o atendimento especializado funcione de forma complementar, assegurando que as atividades de enriquecimento curricular ocorram de forma integrada e contextualizada na sala de aula comum e nos espaços especializados (Berg, 2022).

A interação entre as escolas e instituições de ensino superior, centros de pesquisa, artes e esportes é indispensável para ampliar as possibilidades de desenvolvimento dos alunos com altas habilidades/superdotação. Projetos colaborativos entre esses centros e a escola possibilitam a implementação de propostas pedagógicas que favorecem a expansão do conhecimento e do desenvolvimento de habilidades específicas. Para isso, é necessário um planejamento curricular flexível, que favoreça situações de aprendizagem diversificadas, em que os alunos possam expressar suas potencialidades de formas variadas, evitando a padronização das respostas e promovendo a valorização das diferentes formas de expressão do conhecimento (Reis & Renzulli, 2021).

A construção de currículos inclusivos requer uma abordagem dinâmica e responsiva, que considere não apenas os conteúdos programáticos, mas também o percurso individual

dos estudantes em seu processo de escolarização. Nesse sentido, o planejamento escolar deve ser compreendido como uma prática de observação e reflexão contínua, permitindo a adaptação das estratégias pedagógicas às necessidades educacionais específicas dos alunos com altas habilidades/superdotação (Freeman, 2000). Assim, a transdisciplinaridade e a integração entre a sala de aula comum e o AEE devem ser priorizadas, de modo a garantir um ensino que favoreça a autonomia e o protagonismo desses estudantes (Berg, 2022).

A avaliação escolar, quando conduzida de maneira tradicional e rigidamente normatizada, pode representar uma barreira ao reconhecimento das diferenças e ao desenvolvimento do potencial dos alunos com altas habilidades/superdotação. No entanto, uma abordagem avaliativa que relacione o desempenho dos estudantes às práticas pedagógicas e à problematização dos processos de ensino-aprendizagem permite uma compreensão mais ampla das diferentes formas de construção do conhecimento (Sternberg, 2009). Sob essa perspectiva, a avaliação deve ocorrer em três momentos: a verificação dos conhecimentos prévios dos alunos, o acompanhamento e aprofundamento dos temas estudados e a análise das aprendizagens adquiridas e das novas relações estabelecidas (Reis & Renzulli, 2021).

Os projetos de trabalho, por sua flexibilidade e caráter exploratório, são fundamentais para promover um ensino significativo e centrado na aprendizagem por descoberta e criação. Organizados na perspectiva inclusiva, esses projetos possibilitam a ampliação do interesse dos alunos por diferentes áreas do conhecimento e favorecem a inter-relação entre elas (Petersen, 2019). A elaboração de projetos pedagógicos, com base nos interesses dos estudantes, permite a identificação de talentos e habilidades, bem como sua articulação com o AEE quando necessário. Dessa forma, o planejamento de atividades diferenciadas deve estar alinhado às necessidades dos estudantes, promovendo o desenvolvimento de suas capacidades e estimulando sua criatividade (Berg 2022).

A implementação de estratégias pedagógicas coerentes com o desenvolvimento das habilidades dos alunos com altas habilidades/superdotação requer a oferta de recursos e serviços especializados. O professor do AEE, em interação com o professor da sala de aula comum, deve elaborar um plano de atendimento que contemple a seleção de materiais didáticos e tecnológicos adequados, bem como a formação de redes de colaboração interinstitucionais, abrangendo diferentes áreas do conhecimento (Reis & Renzulli, 2021). O objetivo principal do AEE é maximizar a participação dos alunos na sala de aula comum, potencializar suas habilidades, ampliar o acesso a recursos especializados, estimular o envolvimento em práticas de pesquisa e fomentar a elaboração de projetos em diversas áreas, como ciências, artes e esportes (Berg, 2022).

Dessa maneira, a articulação entre ensino comum e AEE deve ser pautada em uma compreensão ampla da educação inclusiva, garantindo a criação de ambientes escolares que favoreçam o desenvolvimento pleno dos alunos com altas habilidades/superdotação. O compromisso com essa perspectiva é fundamental para transformar as salas de aula comuns e as salas de recursos multifuncionais em espaços de inovação, acolhimento e promoção do potencial desses estudantes.

6 A FORMAÇÃO DOCENTE E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

A formação do professor para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve ser qualificada e específica, uma vez que esse profissional precisa atender às necessidades de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Embora a Resolução nº 4/2009 não tenha estabelecido uma formação específica para os professores do AEE, o Manual de Orientação: Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (2010) sugere que a formação ocorra em parceria com instituições de ensino superior que ofereçam cursos de pós-graduação em Educação Especial. O Ministério da Educação (MEC) também promove cursos de formação continuada com o intuito de capacitar esses professores, abordando áreas como deficiência visual, auditiva e transtornos do espectro autista, entre outras.

Embora a legislação vigente não defina claramente os requisitos para a formação do professor de AEE, as orientações fornecidas pelo MEC e pelo Manual de Orientação reforçam a necessidade de uma formação específica e qualificada para lidar com as diversas categorias de alunos da Educação Especial. Machado (2011) destaca que a primeira estruturação da formação deve partir da compreensão de que o professor do AEE não é especialista em uma deficiência específica, mas sim um profissional que visa conhecer o aluno, identificar suas necessidades e potencialidades, e elaborar um plano de AEE que organize os serviços, estratégias e recursos de acessibilidade adequados. A formação, portanto, deve capacitar os professores a atuar de maneira holística, considerando as diversas áreas do desenvolvimento do aluno e organizando os serviços de forma a atender adequadamente suas necessidades educacionais.

Apesar da recomendação institucional e das orientações oficiais, Oliveira e Mendes (2017) apontam que as regulamentações específicas para a Educação Inclusiva e a Educação Especial têm sido insuficientes para garantir uma formação consolidada e especializada. A Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, que extinguiu as habilitações em Educação Especial, contribuiu para a redução das formações específicas na área, o que implica

desafios significativos para a formação de professores capacitados para atuar nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), especialmente no contexto do AEE.

Oliveira (2009) já havia questionado a ausência de diretrizes nacionais que estabelecessem critérios orientadores claros para a formação em Educação Especial, sugerindo a necessidade de regulamentação para garantir uma formação consistente e específica. Embora cursos de formação continuada sejam oferecidos, ainda se observa a ausência de uma política nacional que permita a constituição de uma formação sólida e eficaz para o atendimento às necessidades dos alunos do AEE, como o uso de tecnologia assistiva, estratégias diversificadas e a organização de procedimentos pedagógicos estruturados.

Mendes (2010) também destaca as dificuldades enfrentadas pelos professores na implementação de uma educação diferenciada, evidenciando a falta de compreensão sobre o conceito de "equiparação de condições de ensino", o que leva à dúvida sobre como diferenciar ou igualar o ensino para atender as necessidades específicas dos alunos. A falta de uma formação especializada tem dificultado a atuação dos profissionais nas SRM, que lidam com uma diversidade de características nos alunos com necessidades educacionais especiais.

Boaventura (2021) aponta que o professor de apoio desempenha um papel crucial ao oferecer suporte na inclusão escolar, colaborando com o professor regular para enfrentar os desafios da diversidade. No entanto, Prioste (2006) alerta que a inclusão escolar vai além do trabalho de um único profissional e requer uma abordagem colaborativa entre diferentes profissionais e as famílias. A inclusão escolar envolve uma série de desafios que precisam ser enfrentados de forma multidisciplinar, sem que se dependa de uma única pessoa ou de uma abordagem técnica simplificada.

A formação do professor para o AEE deve, portanto, contemplar a complexidade da inclusão escolar, que exige um trabalho conjunto, sensível às necessidades dos alunos e com acesso a recursos e formações contínuas. O professor deve ser preparado para lidar com uma diversidade de características e necessidades, tanto cognitivas quanto sociais e emocionais, e garantir que todos os alunos, independentemente de suas características, tenham um ambiente de aprendizado inclusivo. Para Diniz (2017), a transformação da educação e a efetiva inclusão dependem da adoção de práticas pedagógicas que respeitem as diferenças e que criem um ambiente colaborativo, reconhecendo a diversidade como um valor fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

A educação inclusiva, como destaca Diniz (2017), não se limita a atender às necessidades de alunos com deficiência, mas também busca incluir alunos de diferentes origens culturais, sociais e étnicas, promovendo um ambiente de aprendizado que valorize

a diversidade e promova a equidade. Essa abordagem exige uma mudança nas atitudes dos educadores e um compromisso com a formação contínua, a reflexão crítica e o diálogo entre os profissionais da educação, para que as diferentes perspectivas e experiências de vida dos alunos sejam compreendidas e integradas ao processo de ensino. O diálogo, portanto, é fundamental para uma formação docente eficaz e para o sucesso da educação inclusiva, proporcionando uma escuta ativa e a adaptação das práticas pedagógicas às necessidades individuais dos alunos.

Ainda, como enfatizado por Diniz (2017) a inclusão educacional de pessoas com deficiência exige uma abordagem pedagógica flexível, que considere as necessidades específicas de cada aluno, seja por meio de trabalho individualizado ou em salas de aula com menor número de estudantes. O Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) torna-se uma ferramenta essencial para planejar e atender as necessidades educacionais específicas, levando em conta o diagnóstico clínico do aluno. Assim, a inclusão não é incompatível com o apoio oferecido por professores de apoio ou estagiários, que atuam tanto dentro quanto fora da escola, para assegurar o aprendizado adequado.

A discriminação capacitista, que as pessoas com deficiência enfrentam, é outro desafio significativo. Esse sistema de discriminação, baseado na ideia de inferioridade das pessoas com deficiência, afeta sua participação plena na sociedade, desde a falta de acessibilidade em espaços públicos até a exclusão no mercado de trabalho. A superação desse capacitismo exige um compromisso social em promover a inclusão e a acessibilidade, garantindo que as pessoas com deficiência tenham igualdade de oportunidades, tanto no ambiente escolar quanto em outros aspectos da vida cotidiana.

7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa utilizou um procedimento metodológico de revisão bibliográfica com abordagem narrativa, conforme proposto por Cordeiro et al. (2007), caracterizado pela revisão exploratória do estado da arte sobre as estratégias pedagógicas voltadas à inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação. Esse modelo permitiu uma análise ampla e flexível da literatura existente, com a seleção de materiais não sistemática e sem a definição rígida de critérios específicos. A revisão foi conduzida por meio da análise de artigos acadêmicos e outras publicações relevantes que abordaram tanto as estratégias pedagógicas como os desafios no processo de inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação.

Gil (2010) destaca a importância da revisão bibliográfica para a construção de uma base sólida de conhecimento, uma vez que ela permite ao pesquisador compreender o estado atual da temática, identificar lacunas e inconsistências na literatura e, assim, subsidiar a formulação de novas hipóteses e estratégias. No caso desta pesquisa, a revisão bibliográfica

buscou integrar diferentes abordagens teóricas e práticas que contribuem para a promoção da inclusão de alunos com altas habilidades/superdotações, identificando as principais tendências e contribuições acadêmicas sobre o tema.

Ao adotar essa abordagem metodológica, a pesquisa visou fornecer uma visão abrangente sobre as estratégias pedagógicas, destacando o que diz a literatura sobre a inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação quanto os desafios persistentes no campo da educação inclusiva para esses alunos. A revisão não pretendeu esgotar a totalidade do tema, mas sim oferecer uma visão geral das abordagens pedagógicas atuais, fornecendo um panorama acessível e relevante para a prática educacional.

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A inclusão de alunos com altas habilidades e superdotação (AH/SD) nas salas de aula comuns é um desafio complexo, que exige uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas adotadas e sua adequação às necessidades específicas desses estudantes. A partir da fundamentação teórica apresentada, pode-se destacar que uma abordagem eficaz para a inclusão de alunos com AH/SD deve considerar suas características únicas e os fatores que influenciam seu desenvolvimento, como inteligência, criatividade, comprometimento com a tarefa e motivações pessoais.

Os resultados da pesquisa indicam que, para garantir uma educação inclusiva de qualidade, é essencial que as estratégias pedagógicas se adaptem às particularidades desses alunos, respeitando suas aptidões cognitivas, emocionais e sociais. A literatura revisada aponta a importância de práticas que não se limitem à simples adaptação do currículo, mas que, de facto, integrem práticas de enriquecimento curricular e extracurricular, como o proposto por Pérez (2012). Essas abordagens oferecem aos alunos a oportunidade de desenvolver suas habilidades de forma mais profunda e personalizada, promovendo um ambiente mais adequado às suas necessidades de aprendizagem.

A Teoria dos Três Anéis de Renzulli (2014) fornece uma base teórica robusta para a implementação de estratégias pedagógicas eficazes, ao sugerir que a superdotação resulta da interseção entre habilidades elevadas, comprometimento com tarefas e criatividade. A aplicação deste modelo no ambiente escolar exige que os educadores reconheçam e incentivem essas características, criando oportunidades para que os alunos com AH/SD explorem suas áreas de interesse e talentos, ao mesmo tempo em que mantêm um alto nível de engajamento e desafio. Portanto, a formação contínua dos professores é um fator chave para a implementação bem-sucedida dessa abordagem, permitindo que eles desenvolvam estratégias pedagógicas flexíveis e criativas, que considerem a diversidade de talentos e

interesses presentes na sala de aula.

Além disso, a pesquisa enfatiza que a rigidez curricular, como apontado por Rech, Negrini e Santos (2023), é um obstáculo significativo à personalização do ensino. Currículos inflexíveis tendem a não atender à necessidade dos alunos com AH/SD de desafios constantes e de aprofundamento em áreas de seu interesse. A solução para esse impasse está na implementação de estratégias de enriquecimento curricular, que promovem a diversificação dos conteúdos e a criação de atividades que incentivem a criatividade e a investigação. Isso implica na reorganização do currículo escolar, com a introdução de projetos interdisciplinares e atividades de exploração, tanto dentro quanto fora da sala de aula, como clubes de talentos, oficinas e competições, que são altamente valorizadas por esses alunos, pois permitem a interação com pares que compartilham interesses semelhantes e estimulam a troca de ideias.

A flexibilidade metodológica também deve ser considerada uma prioridade, pois os alunos com AH/SD frequentemente apresentam um ritmo de aprendizagem acelerado e uma grande necessidade de autonomia. Assim, o uso de metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos, pode ser extremamente eficaz, pois proporciona um espaço para que os alunos assumam a liderança no seu processo de aprendizagem, desenvolvendo habilidades críticas e criativas enquanto trabalham em projetos práticos. O uso da tecnologia, como ferramentas educacionais digitais, também pode ser uma poderosa aliada nesse processo, permitindo que os alunos explorem novos conteúdos e formas de expressão, além de favorecer o acesso a informações e recursos que podem complementar suas aprendizagens.

Outro aspecto importante é a gestão das questões emocionais e sociais desses alunos. A literatura destaca que muitos estudantes com AH/SD enfrentam dificuldades relacionadas à autocrítica excessiva, perfeccionismo e sensibilidade elevada, o que pode resultar em desregulação emocional se não forem oferecidos os suportes adequados. Nesse sentido, a formação de professores deve incluir estratégias para lidar com essas questões, promovendo o desenvolvimento da inteligência emocional dos alunos e proporcionando um ambiente seguro e acolhedor onde eles possam expressar suas emoções e preocupações. A criação de um ambiente emocionalmente saudável é crucial para o sucesso da inclusão, uma vez que facilita o engajamento dos alunos e contribui para sua adaptação ao contexto escolar.

A análise dos resultados da pesquisa também revela a necessidade de um diagnóstico abrangente e multifacetado para identificar as necessidades e características dos alunos com AH/SD. A simples aplicação de testes de QI, embora útil, não é suficiente para capturar a complexidade do fenômeno da superdotação. Outros fatores, como o contexto sociocultural, o histórico familiar, e as características emocionais e sociais, devem ser levados em

consideração. Dessa forma, é importante que a equipe pedagógica envolvida no processo de inclusão adote uma abordagem holística, que considere o aluno como um ser integral, e não apenas como um portador de altas habilidades intelectuais.

O modelo proposto por Renzulli, com a ênfase no enriquecimento curricular e na criação de ambientes de aprendizagem que favoreçam a autonomia e a criatividade, emerge como uma das estratégias pedagógicas mais eficazes para a inclusão de alunos com altas habilidades e superdotação. Ao adotar esse modelo, as escolas têm a oportunidade de criar um espaço educacional que não apenas atenda às necessidades acadêmicas dos alunos, mas também promova seu desenvolvimento emocional, social e criativo, contribuindo para o sucesso de sua inclusão no ambiente escolar.

A análise crítica dos resultados revela que, apesar das diretrizes da Política Nacional de Educação Especial, ainda persistem muitas lacunas na implementação de estratégias pedagógicas eficazes para esses alunos.

Primeiramente, é importante destacar que, embora a inclusão de estudantes com altas habilidades/superdotação no ensino regular seja reconhecida pela política educacional, a realidade nas escolas muitas vezes não reflete essa preocupação. O principal desafio está na adaptação do currículo e nas práticas pedagógicas, que muitas vezes não são suficientemente diferenciadas para atender às especificidades desses estudantes. Embora a legislação preveja um atendimento educacional especializado (AEE) e a utilização de recursos pedagógicos adequados, ainda há resistência e falta de formação contínua para os professores, o que resulta em uma implementação inconsistente das políticas.

O referencial teórico, como apontado por Alencar e Fleith (2001), sugere que as altas habilidades não devem ser vistas como um fenômeno isolado e intrínseco ao aluno, mas como um processo dinâmico que depende da interação entre o indivíduo e seu ambiente. Isso implica que a prática pedagógica deve ser flexível e adaptável, com ênfase em um ambiente de aprendizado estimulante. Nesse sentido, a evidência empírica sugere que muitos professores ainda adotam abordagens tradicionais que não favorecem a expressão da criatividade ou a exploração de áreas de interesse dos alunos superdotados, limitando suas oportunidades de desenvolvimento.

O modelo educacional que prioriza o currículo único e homogêneo para todos os alunos, como frequentemente observado nas escolas, não se ajusta às necessidades de estudantes com altas habilidades, como os teóricos Piaget (1956) e Vygotsky (1978) propõem. Segundo esses autores, a aprendizagem deve ser contextualizada e dinâmica, com a promoção de desafios cognitivos que provoquem desequilíbrios e estimulem a adaptação do conhecimento. Dessa forma, os professores devem ter a capacidade de identificar as habilidades específicas de seus alunos, proporcionando-lhes desafios que não sejam nem

excessivamente fáceis nem impossíveis de alcançar.

Em relação à identificação desses estudantes, como discutido por Gagné (2016) e outros teóricos, é essencial que se adote uma abordagem global e menos dependente de testes padronizados. O reconhecimento das altas habilidades deve considerar não apenas o desempenho acadêmico, mas também o envolvimento criativo, a capacidade de liderança e outras formas de expressão intelectual. A análise dos resultados indica que muitos estudantes continuam invisibilizados devido à utilização exclusiva de instrumentos de avaliação tradicionais, que não consideram a diversidade de aptidões.

Diante disso, são necessárias estratégias pedagógicas específicas para garantir que esses alunos recebam o suporte adequado. Uma possível estratégia seria a utilização de *diferenciação pedagógica*, um conceito que envolve a adaptação do ensino às necessidades individuais dos alunos. No caso dos alunos com altas habilidades, isso pode incluir a aceleração do currículo, a oferta de atividades de enriquecimento que ampliem suas áreas de interesse ou mesmo a criação de grupos de estudo diferenciados que permitam um maior aprofundamento em áreas específicas.

Outra abordagem eficaz é a *aprendizagem baseada em projetos*, que incentiva a autonomia dos estudantes e permite a expressão de suas habilidades em um contexto colaborativo. Essa metodologia pode ser especialmente útil para alunos superdotados, pois oferece oportunidades para a investigação aprofundada de tópicos de interesse, o desenvolvimento da criatividade e a resolução de problemas de forma inovadora. Além disso, a aprendizagem colaborativa promove a troca de ideias e a reflexão crítica, essenciais para o desenvolvimento cognitivo desses estudantes.

No contexto das práticas pedagógicas, a formação continuada dos professores se mostra um aspecto crucial para que as estratégias sejam bem-sucedidas. A preparação dos educadores deve incluir a capacitação para identificar as altas habilidades, compreender as especificidades de cada aluno e aplicar metodologias diferenciadas, favorecendo um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo.

Todavia, se torna indispensável que o sistema educacional adote uma visão mais ampla das altas habilidades/superdotação, reconhecendo as múltiplas formas de manifestação da inteligência e respeitando os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. A implementação de políticas públicas que incentivem a personalização do ensino e o desenvolvimento das potencialidades dos alunos pode proporcionar um avanço expressivo na inclusão dos estudantes com altas habilidades/superdotação, garantindo que eles recebam uma educação que seja, ao mesmo tempo, desafiadora e estimulante.

Os resultados apresentam uma complexidade do atendimento educacional especializado (AEE). O processo de inclusão, que visa garantir o pleno desenvolvimento de

todos os estudantes, é desafiador, principalmente no que se refere à identificação e ao atendimento das necessidades dos alunos com altas habilidades e superdotação, exigindo estratégias específicas e uma articulação eficaz entre a escola, a família e a comunidade.

As Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) desempenham um papel fundamental nesse contexto, proporcionando espaços de enriquecimento curricular e desafios intelectuais, essenciais para o desenvolvimento desses alunos. No entanto, conforme discutido, a simples existência dessas salas não é suficiente para garantir a inclusão efetiva. Para que isso aconteça, é necessário que a escola se envolva em um processo contínuo de adaptação e de colaboração entre os professores da educação regular e da educação especial.

A análise demonstra que, em muitas escolas, a implementação de práticas colaborativas ainda é incipiente, o que pode resultar em abordagens pedagógicas isoladas e, conseqüentemente, em um atendimento educacional fragmentado. Nesse sentido, uma estratégia pedagógica essencial é a promoção do ensino colaborativo, que fomente a troca de conhecimentos e práticas entre os docentes, assegurando que os alunos com altas habilidades e superdotação recebam estímulos compatíveis com suas potencialidades, sem cair no erro da sobrecarga ou da subestimação de suas capacidades.

Autores como Gomes e Souza (2012) ressaltam a necessidade de uma revisão constante das práticas pedagógicas, adaptando-as ao perfil dos estudantes e à diversidade presente na sala de aula. No caso dos alunos com altas habilidades e superdotação, isso implica oferecer atividades que desafiem suas capacidades intelectuais, evitando o tédio ou o desinteresse. Além disso, conforme aponta Mendes (2006), a formação contínua dos professores é um elemento-chave para superar as barreiras à aprendizagem, garantindo que os docentes estejam preparados para lidar com a diversidade de necessidades educacionais, incluindo aquelas dos alunos superdotados.

Uma abordagem crítica se faz necessária ao observar que, apesar das normativas e avanços legislativos, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Declaração de Salamanca, muitos professores ainda enfrentam dificuldades na implementação de práticas inclusivas eficazes. Isso se deve, em parte, à falta de capacitação específica sobre altas habilidades e superdotação, bem como à resistência à mudança no ambiente escolar. Dessa forma, as políticas públicas e a formação docente devem se articular de maneira mais eficaz, promovendo espaços de discussão e reflexão sobre as especificidades do atendimento a esses alunos.

Ademais, é importante destacar que a inclusão não deve ser vista apenas como uma política educacional, mas como uma prática que envolve o acolhimento das diferentes formas de inteligência e a promoção da participação ativa de todos os alunos. A proposta de estratégias pedagógicas alinhadas ao ensino colaborativo, à capacitação docente e ao uso de

tecnologias assistivas deve ser aprofundada, a fim de que os alunos com altas habilidades e superdotação se sintam desafiados, respeitados e, sobretudo, motivados a explorar seu pleno potencial.

A articulação entre as Salas de Recursos Multifuncionais, os professores do ensino regular e os especialistas deve ser contínua, com foco no fortalecimento da autonomia e autoestima dos alunos, visando a sua plena integração no ambiente escolar e na sociedade.

A articulação entre o ensino comum e o Atendimento Educacional Especializado (AEE) surge como uma das formas mais eficazes de atender às especificidades desses alunos, conforme discutido no referencial teórico. A partir dessa articulação, torna-se possível criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo e favorável ao desenvolvimento pleno dessas potencialidades.

Uma das estratégias mais significativas identificadas no estudo é o enriquecimento curricular, que, como afirmam Berg (2022) e Renzulli (2021), deve ser um dos pilares do atendimento a esses alunos. O enriquecimento curricular oferece oportunidades de aprofundamento em áreas de interesse dos estudantes, possibilitando que seus talentos sejam desenvolvidos de forma mais autônoma e diferenciada. Essa estratégia deve ser aplicada tanto na sala de aula comum quanto nos espaços de AEE, de modo a garantir uma abordagem integrada que permita que os alunos se envolvam ativamente com o conteúdo de forma criativa e inovadora.

Outra estratégia fundamental discutida é a flexibilidade do planejamento curricular. O conceito de "currículo inclusivo", como mencionado por Reis e Renzulli (2021), sugere a adaptação constante do plano de ensino, levando em consideração as necessidades e os interesses dos alunos com altas habilidades. A flexibilidade curricular permite que as atividades sejam diversificadas e que os alunos possam expressar seus conhecimentos de maneiras variadas, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa. Essa flexibilidade também se reflete na necessidade de um ambiente de aprendizagem que valorize o processo de descoberta e exploração, ao invés de simplesmente seguir uma abordagem rígida e padronizada de ensino.

A implementação de projetos pedagógicos é outra estratégia essencial para o desenvolvimento de alunos com altas habilidades. Como destacado por Berg (2022), projetos que partem dos interesses dos estudantes possibilitam a identificação de talentos e proporcionam um aprendizado interdisciplinar, favorecendo a inter-relação entre diversas áreas do conhecimento. Esses projetos devem ser planejados de maneira colaborativa entre os professores da sala de aula comum e os do AEE, garantindo que as necessidades educacionais específicas sejam atendidas de forma personalizada.

No entanto, para que essas estratégias sejam efetivas, é imprescindível que a

formação docente seja aprimorada. A pesquisa evidencia a importância de uma formação contínua e especializada para os professores que atuam no AEE.

A formação deve ser voltada para a compreensão das especificidades dos alunos com altas habilidades/superdotação, além de preparar os educadores para a elaboração de planos de ensino individualizados e para o uso de tecnologias assistivas e materiais pedagógicos adequados (Machado, 2011). A falta de formação adequada para lidar com as características e as necessidades desses alunos pode levar à implementação de práticas pedagógicas inadequadas, dificultando o desenvolvimento pleno de seu potencial.

Além disso, a inclusão escolar desses alunos também depende de uma abordagem colaborativa, como ressaltado por Prioste (2006). A interação entre diferentes profissionais da educação, bem como o envolvimento das famílias, é essencial para o sucesso do processo de inclusão. Portanto, é necessário que o trabalho entre o professor do AEE e o docente da sala de aula comum seja pautado por uma troca constante de informações e estratégias pedagógicas, visando sempre o desenvolvimento das potencialidades do aluno de forma plena.

A avaliação também se apresenta como um componente crítico nesse processo de inclusão. As abordagens tradicionais de avaliação podem não ser suficientes para capturar o real desempenho de alunos com altas habilidades/superdotação. Nesse sentido, a avaliação deve ser compreendida de forma dinâmica, como um processo contínuo que envolve a verificação dos conhecimentos prévios dos alunos, o acompanhamento de seu desenvolvimento e a análise de suas conquistas ao longo do tempo. Essa abordagem permite que os educadores ajustem as estratégias pedagógicas conforme necessário, favorecendo a aprendizagem personalizada e o das múltiplas formas de expressão do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, embora haja avanços na inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação, muitos desafios persistem, principalmente em relação à adequação das práticas pedagógicas. Para superar essas dificuldades, é necessário um esforço conjunto para promover uma educação mais flexível, diferenciada e contextualizada, que reconheça as especificidades desses alunos e ofereça oportunidades para o pleno desenvolvimento de suas habilidades.

O sucesso da inclusão depende da constante reflexão sobre as práticas pedagógicas, da formação dos educadores e do apoio institucional, com o intuito de proporcionar um ambiente escolar mais inclusivo e desafiador.

Para garantir uma inclusão efetiva de alunos com altas habilidades e superdotação, é necessário um compromisso da comunidade escolar com práticas pedagógicas que integrem o ensino comum e o AEE de forma coesa e flexível. A implementação de estratégias como o enriquecimento curricular, a flexibilidade do planejamento, o trabalho com projetos interdisciplinares e uma avaliação dinâmica são fundamentais para promover o desenvolvimento desses alunos.

No entanto, para que essas estratégias sejam implementadas com sucesso, é crucial que os professores recebam uma formação especializada e continuada, que os capacite a lidar com as necessidades e características específicas desses alunos. Além disso, é necessário fomentar um ambiente colaborativo entre os profissionais da educação e as famílias, com o objetivo de garantir que todos os aspectos do desenvolvimento do aluno sejam devidamente atendidos.

Em suma, a inclusão de alunos com altas habilidades e superdotação exige uma abordagem integrada, dinâmica e flexível, que permita o desenvolvimento de suas potencialidades de forma plena, respeitando suas especificidades e oferecendo as condições necessárias para que possam se destacar nas diversas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. M. L. S; FLEITH, D. S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. São Paulo: EPU, 2001.

BERG, Juliana et al. **Criatividade e educação nas altas habilidades/superdotação Série Tecido em Criatividade Volume 5**. Pimenta Cultural, 2022.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com deficiência**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 jul. 2015.

BOAVENTURA, Márcio. " **Sobrou o Apoio!": Desencontros na Construção da Profissionalidade das Professoras de Apoio**. Editora Appris, 2021.

CAVALCANTE, João; OLIVEIRA, Maria. **Métodos de Revisão Bibliográfica**. São Paulo: Editora Exemplo, 2020.

CORDEIRO, A; OLIVEIRA, G; RENTERÍA, J; GUIMARÃES, C. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir**, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 23.

CROSS, Tracy L. *The social and emotional lives of gifted kids: Understanding and guiding their development*. Waco, TX: Prufrock Press, 2005

DINIZ, Margareth. **Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas- Avanços e desafios**. Autêntica, 2017.

FRANCO, Marco Antonio Melo; RODRIGUES, Paloma Roberta Euzebio. **O fazer pedagógico em contexto de inclusão: estratégias, ações e resultados**. São Paulo: Editora Exemplo, 2021.

FREEMAN, J.; GUENTHER, Z. C. **Educando os mais capazes: ideias e ações comprovadas**. São Paulo: EPU, 2000.

GAGNÉ, F.; MCPHERSON, G. *Analyzing musical prodigiousness using Gagné's Integrative Model of Talent Development. Musical prodigies: Interpretations from psychology, education, musicology and ethnomusicology*, v. 1, n. 1, p. 3–114, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, C.; SOUZA, V.L.T. Educação, psicologia escolar e inclusão: aproximações necessárias. **Revista de Psicopedagogia**. vol. 28 n.86 São Paulo 2012.

LOVECKY, Deirdre V. *The quest for meaning: Counseling issues with gifted children and adolescents*. In: SILVERMAN, Linda Kreger (ed.). *Counseling the gifted and talented*. Oxford: Pergamon Press, 1993. p. 29-49.

MACHADO, F. C. **Ser professor em tempos de diversidade: uma análise das políticas de formação docente.** In: THOMA, A. S.; HILLESHEIM, B. (Org.) (2011).

MENDES, E. G. Breve Histórico da Educação Especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, vol. 22, núm. 57, mayo-agosto, 2010.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente.** 1992.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio. A política de formação de professores para educação especial: a ausência de diretrizes ou uma política anunciada. **Formação de Professores: o papel do educador e sua formação**, p. 257-271, 2009.

PÉREZ, S.G.P.B. E que nome daremos à criança? In: MOREIRA, L.C.; STOLTZ, T. (coords.). **Altas habilidades/superdotação, talento, dotação e educação.** Curitiba: Juruá, 2012.

PIAGET, J. **Psicologia da inteligência.** Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1956.

PRIOSTE, Claudia Dias. **Diversidade e adversidade na escola: queixas e conflitos de professores frente à educação inclusiva.** 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RECH, A. J. D., & NEGRINI, T. **Enriquecimento curricular como prática pedagógica para alunos com altas habilidades/superdotação: uma possibilidade de inclusão escolar.** *Revista TEIAS*, 24(72), 125-139. 2023.

_____, Andréia Jaqueline Devalle; NEGRINI, Tatiane; SANTOS, Joseane Oliveira dos. CURRICULAR ENRICHMENT AS A PEDAGOGICAL PRACTICE FOR STUDENTS WITH HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS: a possibility of school inclusion. **Revista Teias**, v. 24, n. 72, p. 125-139, 2023.

RENZULLI, Joseph S. The multiple menu model for developing differentiated curriculum for the gifted and talented. **Gifted Child Quarterly**, v. 32, n. 3, p. 298-309, 1988.

_____, Joseph S. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**, v. 27, n. 52, p. 75-131, 2004.

_____, Joe; REIS, Sally; SHAUGHNESSY, Michael F. A reflective conversation with Joe Renzulli and Sally Reis: About the Renzulli learning system. **Gifted Education International**, v. 30, n. 1, p. 24-32, 2014.

_____, Joseph S.; REIS, Sally M. **The schoolwide enrichment model: A how-to guide for talent development.** Routledge, 2021.

ROBINSON, Nancy M. Introduction. In: NEIHART, Maureen et al. (ed.). *The social and emotional development of gifted children: What do we know?* Washington, DC: The National Association for Gifted Children, 2002. p. xi-xxiv.

SABATELLA, Maria Lúcia Prado. **Talento e superdotação: problema ou solução?** Curitiba: Intersaberes. 2013.